

*Resenha*



---

*PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln Ferreira.*  
*Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados.*  
São Paulo: Boitempo, 2014.

*Felipe Oliveira de Paula\**

---

*Intérpretes do Brasil...* se apresenta como um roteiro fundamental para se conhecer o pensamento historiográfico sobre a Nação Brasileira. Mesmo que o assunto venha sendo discutido de modo profundo, pelo menos desde o modernismo, o que chama a minha atenção para essa organização é o resgate de importantes pessoas para a formação dessa escola: os “renegados”. Críticos que se empenharam muito para tentar compreender e explicar o País em vários setores, mas que não obtiveram o devido reconhecimento. Embora não tenham a mesma sofisticação dos *clássicos*, estudando-os é possível interpretar de forma mais consistente o dinamismo e as diversas vertentes de pensamento do período. Uma estrutura bem-eficiente para mostrar que grandes intelectuais como Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Celso Furtado, Darcy Ribeiro não existem isoladamente. Percebe-se que há uma linha de evolução do pensamento sobre o Brasil. Os mais refinados críticos não poderiam atingir o grau de complexidade analítica se, antes, essa preocupação não fosse trabalhada por Octávio Brandão, Heitor Ferreira Lima, Nelson Werneck Sodré, Rui Facó, Maurício Tragtenberg e os demais presentes no livro.

A organização feita pelos historiadores e professores da Universidade de São Paulo traz à tona o debate histórico-historiográfico sobre os pensadores do Brasil. Como seria impossível sistematizar, num único volume, a trajetória de todos os importantes “intérpretes”, acertadamente,

---

\* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

optaram por um recorte que inicia na década de 1920, com uma geração pioneira no que diz respeito ao modo como se posicionaram para pensar as condições em que se encontrava o País, até os mais recentes estudiosos herdeiros dessa tradição, como as análises de Antonio Candido (1918) e Milton Santos (1926-2001). É acertado porque, na década de 1920 foram iniciadas várias atividades que buscavam modificar verdadeiramente a trajetória do Brasil, seja no âmbito cultural, como a Semana de Arte Moderna, seja no sociopolítico com a fundação do Partido Comunista (ambos em 1922). Também ocorreram levantes militares ao longo da década, o que, igualmente, nos ajuda a compreender uma “estrutura de sentimento”, para utilizar a expressão de Raymon Willians (1980), compartilhada por uma geração que se sentia, no mínimo, incomodada com a situação do País e com a perspectiva de futuro.

Antes dessas datas e, sobretudo da Revolução de 1930, os críticos existiam como vozes isoladas, como foi o caso de Manoel Bonfim que se posicionava veementemente contra a intensa exploração das classes menos favorecidas, mas por não haver um sistema de pensamento agregador que lhe permitisse levar adiante e aprimorar seus ideais, suas teses não alcançaram grande repercussão. Ele publicou, em 1905, o livro *América Latina*, no qual analisa o nosso atraso em função do prolongamento do estatuto colonial.

A fundação do Partido Comunista no Brasil (PCB) pode ser considerada didaticamente um marco para os pensamentos críticos sobre a sociedade. Antes, vários indivíduos iniciaram suas atividades políticas se aproximando do anarquismo com o intuito de se posicionarem combativamente diante dos acontecimentos. Muitos desses indivíduos, sob a influência da Revolução Russa de 1917, se ligaram ao comunismo por perceber um grande potencial de transformação estrutural da sociedade e a possibilidade de integração para ações coletivas. Utilizando analogamente a distinção que Antonio Candido (1997) faz sobre “manifestação literária” e “literatura brasileira propriamente dita” para estabelecer um ponto-inicial da literatura nacional, pode-se dizer que tivemos algumas manifestações que interpretaram o Brasil, que estabeleceram um começo e assinalaram posições. Mas um sistema orgânico que impulsiona e aprimora, cada vez mais, essas pesquisas só toma forma a partir da fundação do PCB. Esse fluxo foi uma resposta ao momento que era vivenciado no País, visto que as diferenças sociais e econômicas ficavam cada vez mais gritantes e incômodas nos centros

urbanos (o que não quer dizer que antes não existiam), estimulando, assim, explicações sobre as várias opressões que sofriam os setores mais explorados da sociedade. O pensamento marxista no Brasil foi (e é) muito importante por estabelecer uma perspectiva nova e profunda para se pensar a sociedade em todos os seus níveis. Vale atentar que o marxismo foi disseminado no nosso país a partir do comunismo, e não o contrário. De toda forma, ele é responsável por potencializar um tipo de reflexão crítica sobre as situações de classe, colocando, no foco da discussão, a importância dos trabalhadores para formação do Brasil.

Esse processo nos direciona, pelo menos, a duas pontas que podem ser pensadas separadamente, mas que estão totalmente interligadas: primeiro, não havia entre aqueles que se propunham pensar o Brasil, principalmente os da primeira geração, numa separação entre vida intelectual, vida política e vida social ativas. Todos estavam imbuídos de um engajamento orgânico, isto é, desenvolviam seus projetos intelectuais objetivando ações práticas, como sintetizam bem os organizadores na apresentação do livro: “Todos eles, de qualquer forma, nunca descolaram seus trabalhos do mundo em que viviam e tinham em seus estudos o objetivo de *entender a realidade para mudá-la*. Muitos chegaram sacrificar a vida pessoal e profissional para pôr em prática suas ideias”. (PERICÁS, 2014, p. 11). Ao mesmo tempo, e daí surge a segunda ponta, por conta desse engajamento, algumas vezes incômodo para a hegemonia burguesa, muitos pensadores foram deixados de lado ou ignorados por não se moldarem à academia ou, em outros casos, por não se utilizarem da abordagem do partido de esquerda em voga. Desse modo, ler ou reler os “renegados” significa perceber algumas das forças atuantes no sistema brasileiro e, a um só tempo, oxigenar o pensamento intelectual sobre a historiografia.

Exemplo disso é o caso de Octávio Brandão que se considerava anarcossindicalista até ter contato com as ideias comunistas; a aproximação deles com esses preceitos se deu inicialmente por meio das traduções de Astrojildo Pereira. Após se vincular ao PCB, ele começa a escrever o que será sua maior contribuição para a interpretação do País, a obra de 1926 *Agrarismo e industrialismo*. Interessante é notar que, antes de ela ser publicada, seus capítulos circularam clandestinamente entre os militantes do partido e eram utilizados como referência por muitos, como é o caso do próprio Astrojildo Pereira que apresentou uma tese no II Congresso do PCB (de 16 a 18 de maio de 1925), tendo como base o trabalho do companheiro.

Como destaca João Quartim de Moraes, essa obra foi a primeira análise da sociedade brasileira à luz do marxismo, na qual o foco era expor como a “contradição entre interesses agrários e industriais constituía o fator determinante dos confrontos políticos e da guerra civil larvada que convulsionavam o Brasil” (2014, p. 18). O valor desse livro, no entanto, só foi reconhecido a partir de 1970, uma vez que Octávio Brandão, assim como Astrojildo Pereira, foi acusado de desvios direitistas dentro do partido. Vê-se que entender e interpretar a trajetória de vida e obra desses “renegados” implica, também, descortinar fatos importantes da organização social brasileira. Ao rever o caminho de Octávio Brandão, é possível se aprofundar um pouco mais nas contradições internas do PCB – como no episódio de Olga Benário. Assim como estudar Heitor Ferreira Lima permite compreender melhor sua geração, formada na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e denominada como “Jovens Bolcheviques”: militantes enviados ao Exterior para consolidar e aprimorar os ideais comunistas e voltar ao país de origem para dirigir os seus partidos.

O marxismo estava sendo difundido e interpretado por pessoas muito preocupadas com o Brasil, mas sua formação era feita quase sempre dentro do próprio partido. Como é o caso de um dos fundadores e grande responsável pela divulgação da teoria marxista no País, Astrojildo Pereira. De maneira distinta, com Nelson Werneck Sodré teve início uma segunda geração de marxistas, formada não só no partido, mas também na academia. No entanto, vale notar que antes de ser um comunista, Sodré era Tenente. Ele encontra “no PCB e no marxismo a continuidade de um ideário tenentista, mas o Partido Comunista seria o desaguadouro de toda uma geração de inconformados militares de esquerda, bem como de setores nacionalistas”. (CUNHA, 2014, p. 92). Com o golpe de 1964, ele e todos os militares de esquerda foram cassados, e muitos foram presos. Durante a ditadura, ele se tornou uma referência ao radicalismo e às iniciativas pequenas burguesas, caracterizando as atitudes armadas de parte da esquerda no Brasil.

Diante desse novo cenário e de novos integrantes do PCB, a discussão passa a ocupar outros setores e ser vista por outras perspectivas. A maior preocupação desse novo militante, Nelson Sodré, foi repensar o Brasil no momento em que uma forma de neoliberalismo estava ganhando muito espaço. Objetivando fornecer meios para reflexões sobre o Brasil, o militar e militante procurou unir o Exército Brasileiro e o PCB. Ele

entendia que aproximar da instituição a sociedade civil poderia fornecer ferramentas para entender e combater criticamente as mazelas sociais. O segundo marxista com formação distinta da primeira geração é Caio Prado Júnior bem mais conhecido no meio universitário.

Os sistemas políticos, econômico e culturais no Brasil são, ao mesmo tempo, integralizantes e excludentes. Primeiro, porque necessita de todos e, segundo, só poucos conseguem aproveitar dos seus benefícios. Para mudar essa situação, é preciso olhar para a história e começar a entender como o Brasil vem se formando. O caminho indispensável é dos intérpretes *clássicos*, mas para se aprofundar ainda mais nas contradições brasileiras, é importante não deixar de lado os “renegados” e “rebeldes”. Mesmo com abordagens diversas em vários setores da sociedade é possível perceber uma preocupação comum entre eles, a saber: o fato de estarem envolvidos não só teoricamente com o processo de desenvolvimento do Brasil, o que determina que suas análises, específicas em cada área, nunca deixem de dialogar com o momento social e político. Desde os fundadores do PCB até chegar ao último da lista, Milton Santos, todos tiveram (os ainda vivos têm) compromissos ideológicos e éticos com a sociedade brasileira. Esse tipo de engajamento vem sendo esvaziado entre os professores universitários. Diante disso, além de nos direcionar a uma possível pesquisa mais aprofundada sobre o Brasil, o livro chama a atenção para o fato de que grandes intérpretes são aqueles capazes de integralizar vida intelectual com *práxis* humana, procurando sempre melhores direcionamentos à sociedade.

## Referências

---

- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Itatiaia, 1997. v. 1.
- CUNHA, Paulo Ribeiro da. Nelson Werneck Sodré. In: PERICÁS, L. B.; SECCO, L. F. (Org.). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 79-98.
- MORAES, João Quartim de. Octávio Brandão. In: PERICÁS, L. B.; SECCO, L. F. (Org.). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 13-25.
- PERICÁS, L. B.; SECCO, L. F. (Org.). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- WILLIAMS, Raymon. *Problems in materialism and culture*. Londres: Verso, 1980.